

NADJA VLADI - Editora da revista Muito.

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação da UFBA. Atualmente atua como editora-coordenadora da revista Muito do jornal A TARDE e do suplemento infantil A Tardinha. Também tem experiência como professora e coordenadora de cursos de pós-graduação de jornalismo e de comunicação, além de prestar consultoria em projetos para infância e adolescência e em projetos editoriais para jornais e revistas.

1. Quem é Nadja Vladi?

Sou jornalista, editora da Revista Muito, publicação semanal do jornal A Tarde, também sou professora de jornalismo, dei aula na Faculdade de Comunicação da UFBA, e sou professora da Faculdade Social da Bahia. Tenho doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA, e sou uma pessoa que tanto profissionalmente quanto academicamente, como no cotidiano, estou muito ligada à cultura da cidade de Salvador.

2. O que você entende como cultura?

Existem alguns aspectos sobre “o que é cultura”. Podemos pensar tanto sob o aspecto antropológico, como também a partir do ponto de vista de linguagens. Na Revista Muito, esse termo cultura, ele está muito mais focado nesse olhar antropológico. Vamos falar de linguagens: de cinema, de artes-visuais, de música, mas vamos falar também de pessoas, de comida, de uma forma de ser e de viver. Enfim, de ser baiano. Para mim, tudo isso aí é cultura e como eu vejo cultura e como eu trabalho com cultura.

3. Como você avalia as políticas culturais na Bahia hoje?

Houve uma mudança recente nesse novo governo do PT, com a chegada, por exemplo, do Márcio Meirelles na Secretária de Cultura em que mudou-se a forma de se incentivar a cultura na Bahia - passando a ter o Fundo de Cultura e os Editais. Eu acho uma forma interessante, mais democrática, mas eu acredito que não deveria ser a única forma. Há uma meritocracia aí que é um pouco esquecida também. Então, as políticas culturais funcionam, eu gosto! Mais do que gostava antes que era muito menos, digamos assim, clara a forma como os projetos eram selecionados. Hoje eu acho que isso é muito mais claro, transparente, entretanto, acredito que alguns projetos deveriam passar por outro tipo de crivo.

4. Qual a sua avaliação sobre a produção artístico-cultural da Bahia nos últimos anos?

Essa é uma pergunta um pouco ampla demais e eu não acompanho todas as linguagens artísticas para dar uma resposta precisa. Mas um exemplo que sempre dou é em relação às Artes Visuais. Com a chegada de Márcio Meirelles na Secretária de Cultura e a vinda da Solange Farkas para o MAM ocorreu uma mudança considerável: ampliou muito o número de

www.producaoculturalba.net

artistas e de exposições, tanto de pessoas que vieram para cá, como de jovens artistas baianos. Houve também um avanço, e acho que é um avanço no Brasil todo, dessa música chamada mais independente, com mais shows acontecendo na cidade – mas a gente ainda sofre daquela carência de falta de espaços, e de uma indústria da *Axé Music* que toma muito espaço na cidade, então você acaba não tendo espaço para outros gêneros. Não que a culpa seja da *Axé Music*, mas da própria forma como essa estrutura está montada e como os artistas independentes de Salvador se colocam, apesar que hoje em dia isso mudou bastante. Há shows, tem público, você vai a vários eventos de música independente e está sempre cheio. Uma coisa que está meio parada aqui em Salvador é o teatro. O teatro não conseguiu se reciclar, ele não consegue trazer um público jovem, penso que essa linguagem artística não está numa fase muito boa. Quanto ao cinema, acho que temos um movimento de restabelecimento desde *Os Filhos de João*, agora com o filme de Cláudio Marques, *Depois da Chuva*, então eu acho que há um movimento, ainda muito pequeno, mas um caminhar de recomeço depois de tantas décadas.

5. Como você avalia os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências?

Não temos espaços para grandes shows que é a principal queixa das pessoas. Eu não sei se é a falta de espaços para trazer esses shows para cá, que acabam indo, por exemplo, para Recife e não para Salvador, ou se é o público e os nossos produtores que não estão interessados nesse tipo de evento. As casas são muito poucas, né? Ou elas são muito grandes ou elas são muito pequenas e com estrutura um pouco precária. Acredito que existe duas situações aí, tanto do empresário que não investe nesse setor, quanto do público que não gosta muito de pagar para ver esses shows. Ficamos então sem ter um público pagante e sem um empresariado querendo investir. Portanto, há uma carência de espaços para eventos. Eu fui ver, por exemplo, um show da cantora CéU na praça Tereza Batista, o áudio estava horrível, você não ouve direito o que ela canta...então, a gente tem esse problema! O espaço é ótimo, a ideia é muito boa, mas você percebe que há uma carência de espaços com uma qualidade sonora razoável para receber uma cantora como Céu, por exemplo.

6. O que e/ou quem (projetos/espaços/instituições) você destacaria em termos de gestão cultural na Bahia e por quê?

Em termos de gestão cultural, eu acho que o Teatro Castro Alves desenvolve um trabalho interessante dentro da meta desse equipamento cultural, acho que há ações bem interessantes e destaque nessa gestão do TCA Rose Lima que tem atuado de forma bem criteriosa e competente nessa área de cultura. Acredito que Vince Athayde, nessa área da produção mais independente ele tem feito um trabalho bastante interessante, vejo que ele tem conseguido um público, tem conseguido espaço e credibilidade. Em termos de espaço, acredito que temos um pouco de carência nesse sentido. Não sei se teria um espaço que eu considere interessante citar aqui em Salvador, acho que a gente não tem na verdade. Há o recente Commons, mas acho o espaço muito pequeno.

www.producaoculturalba.net

7. Como você avalia a crítica cultural na Bahia? Qual sua importância?

A crítica cultural na Bahia já foi muito importante – anos 60, 70, 80 a gente teve nomes, mas dos anos 90 pra cá houve um declínio não só na Bahia como no Brasil todo. A crítica cultural no Brasil sofreu um esvaziamento com a substituição daquilo que se chama de Jornalismo de Serviço, então os jornais culturais começaram a ter grandes agendas e pouco espaço para pensar cultura, o que eu acho lastimável, pois um crítico ele pensa a cena, ele tem um diálogo com a produção cultural, com os artistas, com os gestores e isso a gente não tem aqui na Bahia. Na Bahia é um pouco mais grave, mas isso é um problema nacional, não é um problema local. Como o nosso jornalismo aqui é precário, ele fica mais fraco nesse sentido também. O que a gente tem de crítica cultural, hoje, basicamente, é um crítico de cinema do Jornal A Tarde, João Sampaio, e Eduardo Uzeda que escreve sobre teatro. Não há um pensamento crítico sobre a cena cultural da cidade. Eu acho isso uma pena, porque esse diálogo é muito interessante e muito importante para os dois lados - tanto para o jornalismo, para os jornais quanto para a cena cultural.

8. Como você avalia os espaços para a cultura na mídia baiana? Por que é tão difícil para a cena independente ter acesso a esse espaço?

Olha só, eu não acho que seja mais tão difícil! Eu acho que há espaço, inclusive na Revista Muito a gente abre muito espaço para a cena independente. Eu vejo tanto no Caderno 2, do Jornal A Tarde, como no caderno do jornal Correio, o espaço para a cultura. Há os blogs, que hoje em dia movimentam muito essa cena independente que basicamente circula nos blogs e nas redes sociais – e isso não é um demérito! Até porque o público dessa cena independente está nesses locais. Claro que sair no jornal, na televisão dá um certo *status*, uma certa credibilidade, ainda é muito importante, eu sei. Mas eu acho que há muito mais espaço hoje do que havia antes. Inclusive tem programas de televisão como o Soterópolis da TVE e aquele outro da TV Bahia – o Mosaico – que são abertos para essa cena mais independente. Há também programas na rádio Educadora, portanto acho, sim, que houve uma ampliação desse espaço. Talvez não seja o ideal, obviamente porque a grande imprensa trabalha com a situação de massa, tem um público de massa, mas há um espaço sim para esse circuito independente.

9. Como surgiu a Revista Muito? Com que objetivo e buscando que públicos?

A revista Muito era uma vontade do Jornal A Tarde de ter um suplemento dominical, uma coisa mais de refresco, sem aquelas notícias pesadas do dia-a dia, as chamadas *hard News*. Pensamos a Muito como uma revista baiana focada na Bahia, mas uma Bahia mais cosmopolita, menos estereotipada. A nossa ideia é ter essa Bahia mais contemporânea retratada ali na revista, como também a Bahia tradicional sem ficar presa nesse estereótipo de baianidade. Dessa forma, a ideia nossa é discutir mesmo a cultura baiana, as personalidades baianas, a vida da cidade de Salvador e algumas coisas do interior da Bahia. Claro que isso não quer dizer que ficamos presos somente à cidade de Salvador, a gente tem pessoas que

www.producaoculturalba.net

não moram aqui, mas que trazem contribuições de reflexões e de olhares que acreditamos ser interessantes para a vida cultural da cidade. Portanto, nosso objetivo básico é ser uma revista mais reflexiva, uma revista também que pense a cultura baiana, mas atenta, cosmopolita – não uma coisa fechada, ensimesmada na Bahia.

10. Em sua opinião, quais as principais contribuições da revista para difusão da cena cultural baiana?

Eu acho que tem sido uma revista importante para discutir a cidade, para discutir a cultura da cidade. Trazemos personagens esquecidos, personagens novos, como por exemplo Dona Dalva – que fez o primeiro samba de roda de Cachoeira, que é uma cidade tradicional da cultura baiana, como a gente pode falar do filme de Cláudio Marques – que é um cineasta contemporâneo ou os novos artistas visuais da Bahia, ao mesmo tempo que falamos de gastronomia também, de Beto Pimentel, de Tereza Paim que são chefes baianos que tentam fazer uma cozinha baiana menos estereotipada. Acho que as contribuições giram em torno da discussão que que é ser baiano, mas tentar sair – não sei se sempre a gente consegue – dessa coisa umbilical que a Bahia tem. Ser baiano, mas com um olhar para fora.

11. Como você dimensiona a importância, para os artistas e projetos divulgados, ter espaço em publicações como a Muito?

Qualquer espaço que você consiga colocar sua arte, seu discurso, sua fala, fazendo com que as pessoas leiam aquilo, comentem sobre aquilo é importante. A revista Muito é mais um veículo focado nesse espaço. É um veículo impresso, tem um formato interessante e tem uma periodicidade maior nas mãos das pessoas. Acho até que ela tem uma importância inclusive de preservação uma memória da cultura baiana.

12. Ainda em relação à Muito, tratando-se de um jornalismo cultural e de comportamento, acredita que a revista possa ser entendida como um veículo para formação de público para a cultura? Quais as dificuldades nesse aspecto no contexto baiano?

Acredito que sim. Não somos focados apenas no sentido da cultura das linguagens, falamos, portanto, de cultura no sentido antropológico na Muito. Mesmo assim, acho que sim, com as dicas que a gente dá, com os artistas que a gente traz, que a gente entrevista, que a gente conversa. Acho que ela ajuda pelo menos a chegar ao conhecimento do público algumas coisas que estão fora da imprensa, até porque a gente busca muito isso: não dá só aquilo que está sendo pautado no dia-a-dia dos jornais, das televisões, das rádios, buscar algo mais fora. Agora mesmo a gente vai conversar com um artista baiano que mora em Barcelona que está fazendo uma revista sobre arte, então são coisas assim que a gente traz. Tentamos sair desse agendão dos cadernos culturais.

13. Com a potência das tecnologias de comunicação e informação, quais estratégias de uma publicação para desenvolver um trabalho de convergência de mídias impressas e online?

Isso a gente tem feito de uma forma muito tímida. A gente tem um *blog* onde postamos nossas matérias lá. Além disso, colocamos todas as edições impressas no *ISSUU*, para qualquer pessoa ter acesso. E temos o Facebook e o Twitter que utilizamos para noticiar a revista.

14. Com as manifestações recentes, o Brasil se une à onda de manifestações que tomaram conta das ruas no mundo. Como uma dos efeitos, acredita-se que o modelo da “grande imprensa” esteja em crise. É preciso renovar a mídia tradicional? Qual a sua avaliação frente aos iniciativas de jornalismo independente e coletivos que surgiram nessa conjuntura?

Eu acho interessante, por exemplo, a Mídia Ninja. Acredito que essas iniciativas fazem a grande imprensa repensar e utilizar o material produzido por esses outros canais de informação. Para os canais tradicionais, é impossível você ter uma cobertura total daquilo, você manda dois ou três repórteres, enquanto o pessoal do Mídia Ninja tem 50 ou 60 pessoas filmando para eles. Então a cobertura deles é outra, obviamente! É outro tipo de cobertura, é outro tempo, até porque você com um celular na mão você faz um monte de coisa. Eu acho que a grande mídia vai incorporar isso, mas a credibilidade e o tipo de compromisso que ela tem com seu público, o tipo de narrativa que ela faz e importância que isso ainda tem para o público continuam existindo! Não é à toa que as pessoas reclamam da cobertura do jornal nacional. Reclamam porque ainda é um canal importante, reclamam da cobertura da Folha de São Paulo, do Estadão, pois ainda são canais de importância. Portanto, não acho que uma coisa acabe com a outra, penso que, claro, a grande mídia está se repensando, mas ela tem muita força ainda.

***Entrevista realizada por Camila Farias, dia 08 de Outubro de 2013, no Jornal A Tarde.**